

DESENVOLVIMENTO

Desafio do governo será garantir que o ritmo acelerado de produção não resulte em inflação alta e esgotamento da capacidade do setor industrial. Investimentos serão fundamentais para manter o espetáculo em cartaz

Crescimento pode durar pouco

Divulgação



VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

O governo reagiu com um misto de euforia e preocupação ao forte crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao tomar conhecimento dos números, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, fez questão de ressaltar que o governo está preparado para "fazer ajustes" na economia, como forma de impedir que o ritmo acelerado de crescimento seja usado pela indústria e pelo comércio para o aumento de preços e, consequentemente, da inflação. Esse "ajuste" foi interpretado pelo mercado financeiro como um possível aumento da taxa básica de juros (Selic), que está em 16% ao ano.

Segundo o economista Armando Castelar Pinheiro, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ao se expandir na velocidade de 6% ao ano, o Brasil corre o risco de seguir o caminho da China e ter que desacelerar o crescimento para evitar estragos na economia, como inflação de demanda (indústria sem produtos para atender aos consumidores). Daí o alerta de Palocci.

A necessidade ou não de pisar no freio vai depender do volume de investimentos que o setor produtivo receberá para elevar de forma substancial o que os especialistas chamam de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF). Há setores, como o siderúrgico e o de papel e papelão, trabalhando quase no limite da capacidade.

Para que estes investimentos ocorram é preciso, além do interesse dos empresários em se arriscar, disponibilidade de recursos em condições adequadas.

MOVIMENTO NOS PORTOS: INFRA-ESTRUTURA DEFICITÁRIA, JUROS ALTOS E INVESTIMENTOS ESCASSOS SÃO AMEAÇAS AO CRESCIMENTO DA ECONOMIA

No Brasil a poupança está abaixo de 20% do PIB, quando deveria estar acima de 23% para sustentar sem riscos o atual nível de expansão. Mesmo assim o quadro não assusta Luiz Chrysostomo, diretor geral do JP Morgan, e o consultor Antoninho Marmo Trevisan. Eles acreditam que, se houver tendência de crescimento e estabilidade econômica, os recursos aparecem, sejam nacionais ou estrangeiros.

Na defensiva

Na opinião do secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Bernard Appy, o grande desafio do país é criar fontes de financiamento de longo prazo com recursos privados. "O investimento foi feito por meio do aumento das dívidas interna e externa, o que nos obrigou a arcar com custos muito elevados nos últimos 20 anos", assinalou. Ele disse que o governo está tra-

lhando duro ao estimular a formação de poupança interna, desonerando os investimentos de longo prazo, avançar na definição de marcos regulatórios consistentes e consolidar a estabilidade macroeconômica.

Appy pediu às empresas que saiam da posição defensiva e invistam no aumento da produção. "O crescimento sustentado não é uma opção deste governo, mas do país", afirmou. Mesmo

reconhecendo que os juros altos são o principal entrave para uma retomada mais consistente da economia, o economista-chefe da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), Roberto Troster, disse que o sistema bancário está preparado para financiar o crescimento. "Podemos dobrar o volume de crédito da economia, hoje em torno de R\$ 450 bilhões, se houver demanda", ressaltou.